

## A cuidadosa restauração de um monumento histórico

O Solar Ferrão, em Salvador, monumento tombado em 1938 pelo então Iphan-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional está sendo restaurado. Os trabalhos podem ser considerados como mais uma contribuição ao conjunto de experiências na preservação do patrimônio histórico.

A primeira etapa, correspondente a 80% das novas instalações do Solar Ferrão, foi inaugurada no mês passado pelo ex-ministro da Educação e Cultura, Eduardo Portela, e pelo governador Antônio Carlos Magalhães. Passou a funcionar ali a FPACBA-Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. O solar é a maior construção civil do Brasil colônia e, por isso mesmo, julgado a "casa nobre" do Pelourinho, onde está situada à rua Gregório de Matos.

O programa de preservação e aproveitamento do patrimônio monumental de Salvador, empreendido pela Coordenação de Fomento ao Turismo, tem como objetivo proteger a mais importante parcela do que se pode chamar de capital turístico da cidade. Segundo o prof. Paulo Ormindo de Azevedo, da Escola de Arquitetura da UFBA-Universidade Federal da Bahia, a restauração visa fazer com que o contingente de turistas que aportam em número cada vez maior na Bahia possam se transformar em uma força que induza o governo a canalizar maior volume de recursos para a preservação dos bens culturais do Estado.

### SOLUÇÕES COMPATIVÉIS

Arquitetos da FPACBA elaboraram o projeto definitivo para a restauração após uma série de reavaliações. Durante a execução das obras, com a descoberta de quadros artísticos por baixo de camadas de tinta, escadarias, pilares e tantas outras partes deterioradas, os trabalhos se tornaram experiências enriquecedoras.

"Tomamos a iniciativa de preservar todos os segmentos de madeira possíveis — afirma o arq. Eduardo Roberto Pain Lucas, responsável pelo Setor de Estudos e Projetos da FPACBA. E acrescenta: "tivemos bom porcentual de aproveitamento." Em alguns casos reaproveitamos apenas a metade do material. Houve necessidade da aquisição de madeira nova que, como as originais, foi imunizada em banhos à base de pentaclorafenol".

Detalhe importante, para qual o técnico chama atenção, é que no uso de barroamento não se empregou madeira serra-

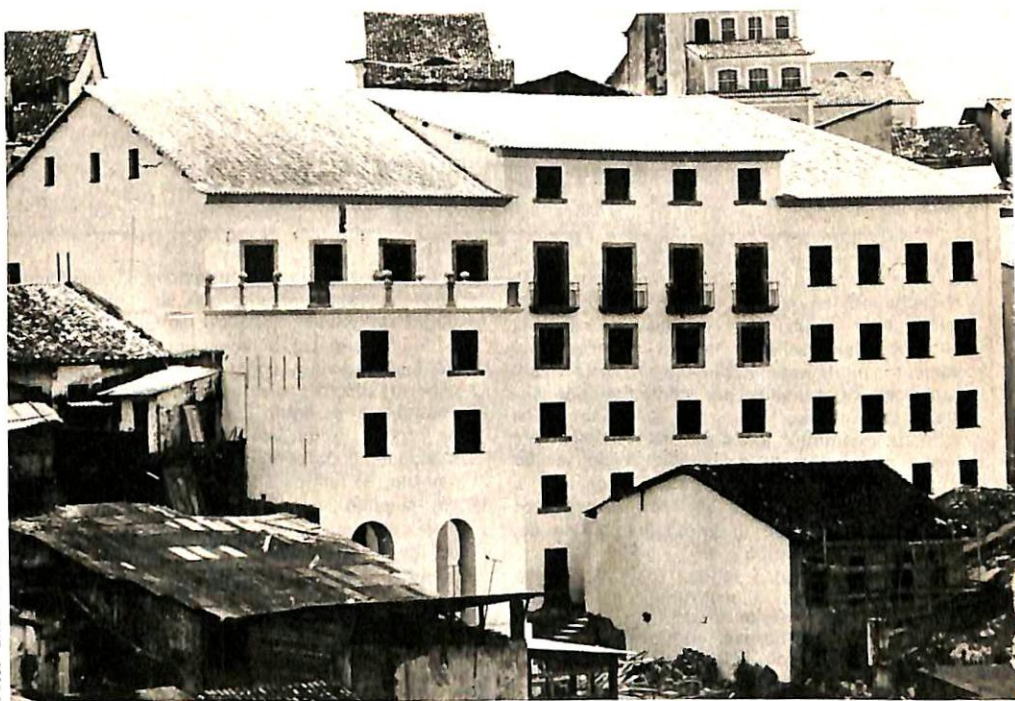


Foto: Elias Santos

da, e sim a madeira lavrada (alinhada não na serreria, mas manualmente através de machado e enxó).

No telhado, tanto quanto possível, procurou-se manter os desenhos das tesouras originais e, na confecção das novas tesouras fez-se ensablamento idêntico ao primitivo, utilizando sempre madeira lavrada. Na fixação das telhas utilizaram-se grampos de arame.

Em uma sala do andar nobre ficou evidente nos trabalhos de prospecção que o forro original tinha sido gamelado (fundo de navio). Então fez-se a recomposição com material moderno. Já os forros artísticos possuíam um madeirame de sustentação que foi trabalhado para a reutilização.

A preocupação da FPACBA era manter as peças originais preservando-se tudo que fosse possível, conforme explica o arq. Carlos Vieira, responsável pela execução da obra. Assim que as portas foram tratadas e recuperadas, algumas comuns, sem maiores trabalhos arquitetônicos e acrescentadas pelos últimos moradores, foram substituídas por material com mais afinidade ao conjunto.

"É importante para a própria sobrevivência do imóvel adequá-lo a um novo uso". Pensando assim é que o arq. Paulo Rosa, responsável pelo acompanhamento do projeto, adaptou certas partes do solar

Fundos do Solar Ferrão, com suas numerosas janelas, que conferiam ao prédio um permanente aspecto de mistério

para a utilização atual, como uma circulação vertical, de madeira, com fixação metálica, e uma bateria sanitária. Nesta última, e em todos os elementos que a compõem foram utilizados materiais modernos.

O projeto elétrico para o solar está dentro da concepção moderna, mas sem agredir e com os devidos cuidados para que ele se harmonizasse com os espaços internos, já que a filosofia da preservação de monumentos é justamente a de respeitar o imóvel, ainda que lhe acrescentando certos elementos novos, sem ferir a concepção com que foi edificado originalmente.

### OBRAS EM PEDRAS

A recuperação de um conjunto com oito colunas salomônicas, em pedras de arenito, existente no andar nobre, constou de uma trabalhosa limpeza; confecção em concreto armado de duas colunas deterioradas, utilizando-se as originais como molde para a fôrma em fibra de vidro; e a descoberta e recuperação de duas outras colunas que estavam completamente embutidas em paredes construídas pelos moradores que antecederam à restauração.

Ampla escadaria e corrimão, em pedras lioz (importadas de Portugal), foram encontrados em estado lastimável. A escada foi renivelada e alguns trechos, com degraus partidos ou faltando pedaços, recompostos com pedras moidas, misturadas com resina de epóxi, o que proporcionou uma massa consistente e uniforme.

Mais de 100 janelas estão distribuídas pelo imóvel, sendo que, cada uma das janelas do entressolho possui agora um par de conversadeira algumas totalmente refeitas com a utilização também de formas de fibra de vidro.

A porta principal, sob frontispício de pedra, data de 1701, fora mutilada para adequar-se ao novo greide da via, criando-se um aterro recoberto com lajotas. Para se alcançar o piso original em arenito, tornou-se necessária a remoção das lajotas e do aterro, o que exigiu a recomposição da porta, num trabalho artístico executado por merceneiros do quadro de pessoal da Fundação. Essa intervenção exigiu também a redução dos níveis da soleira e da calçada.

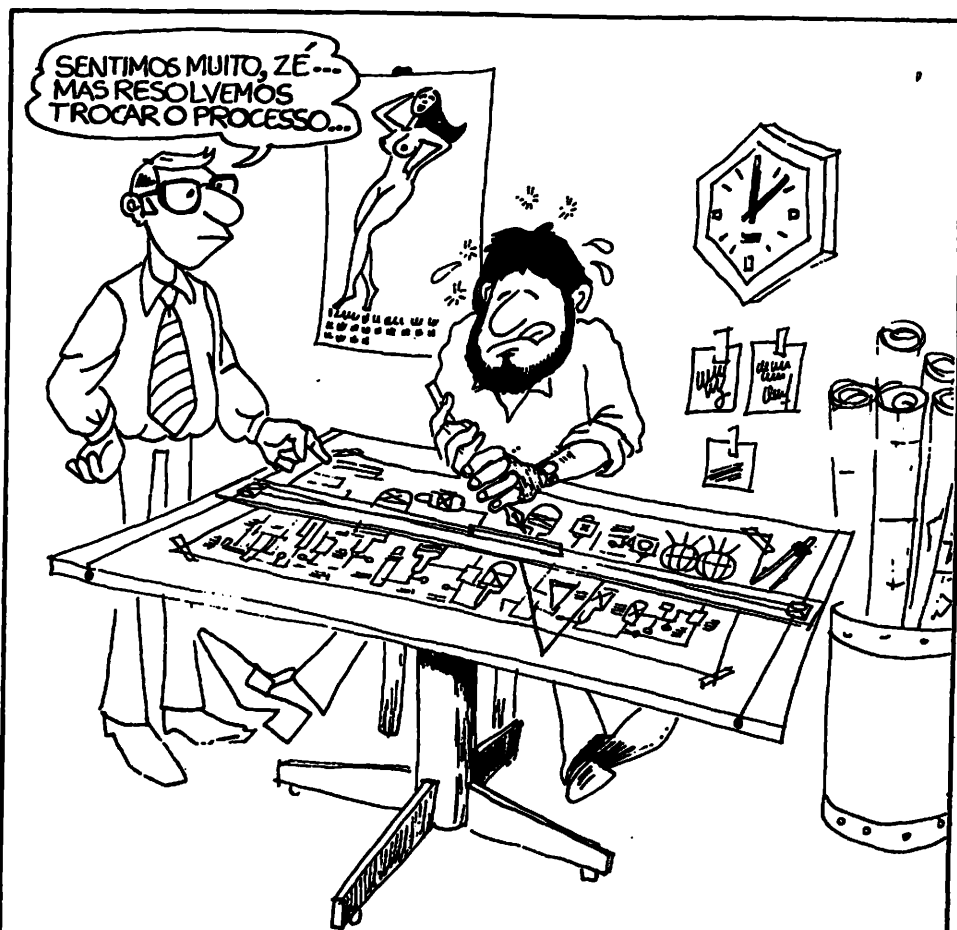
Ainda na portada principal estão apresentadas, em sua decoração, duas volutas envolvendo tarja com brasão atribuído à família Maciel, chefiada por José Sotero Maciel de Sá Barreto, fidalgo e cavaleiro da Ordem de Cristo. O brasão é partido, com meia águia e uma cruz, todo rodeado por frisos de ornamentos foliáceos e volutas feminis, mostrando toda a influência dos entalhes sobre madeira. A tarja é sustentada por duas figuras alegóricas e tem figuras também sobre ela. A do centro segura na mão direita uma espada, símbolo da justiça, e na esquerda, uma cornucópia, símbolo da fortuna.

#### ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO INTERNO

A preocupação de se ter um mobiliário, harmonizando o antigo com o moderno, fez com que se escolhessem móveis de estilo para o andar nobre, exigidos pela imponência espacial e quantidade de detalhes. Outros ambientes despojados de elementos tão significativos ensejaram a utilização e ocupação do espaço para trabalhos técnico-administrativos; propiciaram também a opção por móveis novos, adquiridos nas lojas do circuito comercial, cujos designs concordam com os existentes no Ferrão.

#### RESTAURAÇÃO DOS PAINÉIS

Em meados de 1977, com desmontagem do primeiro forro do andar nobre (antiga capela), em caixotões, gamelado, encontraram-se cinco painéis, sendo um central e quatro laterais e em cada ponta dois diamantes formando as quinas. As pintu-



**Coitado.**  
**Depois de dois dias de trabalho,**  
**quando já tava tudo prontinho,**  
**teve que perder mais um dia**  
**refazendo quase tudinho.**

Modificação num desenho (alteração de elementos, acréscimo, aplicação de uma foto, correção de um dado) é coisa que leva tempo, aumenta custos e outros contratempos, como o não cumprimento de prazos, por exemplo. Cart/Graf resolve todos estes problemas num piscar de olhos. Rapidamente o fotossistema copia o original em filme transparente e processa as alterações solicitadas por você.

**CART/GRAF**

FOTOSSISTEMAS PARA ENGENHARIA  
 Av. Sete de Setembro, 1420. Edif. Portofino  
 Conjunto 19 - Campo Grande.  
 Telefones: 245-6767 e 245-5081.

Envie este cupom para a Cart/Graf e fique sabendo de tudo o que o fotossistema pode fazer por você, bem como de que maneira você pode enviar o serviço e recebê-lo pronto, mesmo morando em outra cidade e (ou) Estado. Ou, se preferir, peça a visita de um técnico. Cart/Graf: Av. Sete de Setembro, 1420. Edif. Portofino Conjunto 19. Salvador-Ba. CEP: 40.000 Fones: 245-6767 e 245-5081.

Empresa: ..... Nome: .....  
 Cargo: ..... Endereço: ..... Fone: .....  
 Cidade: ..... Cep: ..... C. P.: ..... Estado: .....

ras, do século XVIII, representam cenas mitológicas, de desenhos com nuances primitivas e de autoria desconhecida.

Informam os técnicos que a princípio não se cogitava sequer da existência de pinturas artísticas nesse forro, contudo, após as primeiras pinturas, prospecções sobre as quatro camadas de tinta que o cobriam, constatou-se a presença dos painéis e suas molduras em frisos. A primeira medida tomada pela equipe foi iniciar o processo de imunização das peças que, à exceção dos painéis, encontravam-se em péssimo estado de conservação.

Logo em seguida foi iniciada a remoção da repintura por processo mecânico, usando-se espátulas odontológicas, o que proporcionou o descobrimento de valiosa ilustração do caixotão central: uma bela figura alada, com características andróginas.

Segundo os restauradores, a opção pelo método mecânico de remoção só foi admitida após comprovada a impossibilidade do uso de solvente, já que foram feitos diversos testes e nenhum dos produtos normalmente usados em restaurações artísticas se adequou ao presente trabalho. "Fato infeliz", lamentam, "pois o processo de remoção mecânica, apesar de eficaz e seguro, tem que ser extremamente lento".

Mais quatro painéis foram descobertos e, progressivamente, suas molduras so-

fram a mesma técnica, surgindo um desenho simétrico.

Removida a repintura de todo o forro, fizeram-se a consolidação e retoques dos painéis com encáustica. Os retoques efetuados nos frisos obedecem às técnicas mais modernas de restauração. O tom do ouro foi restituído com tinta especial. Posteriormente, parte do trabalho teve de ser refeita pois as partes retocadas apresentavam sinais de modificações nos tons e textura enquanto a consolidação já elaborada com fórmula à base de cera, precisou ser substituída por fórmula semelhante, adicionando-se pó-de-serra e parquetagem para dar reforço.

O segundo forro, descoberto no final de 1978, é composto de oito painéis com dimensões em média de 65 cm x 80 cm. Estes, com os diamantes, frisos, molduras e cimbalhas compõem o forro da sala ilustrados com temas representando "cenas de caça" presumindo-se que tenham sido pintados na mesma época dos painéis mitológicos.

**ETAPAS DA OBRA**

A área do Solar Ferrão é de 4.500 m<sup>2</sup>. Ele compreende sete pavimentos. A primeira etapa da obra, já inaugurada, consta de quatro pavimentos: sótão, andar nobre, entressolho e pavimento térreo, já a segunda etapa, em adiantada fase de



Foto: Elias Santos

Porta e frontispício, vendo-se o brasão da família Maciel

execução, será concluída no primeiro semestre de 1981, constando do primeiro e segundo subsolos, jardim e área do quintal, duas casas do Beco do Ferrão, a casa de força exigida pela Coelba-Cia. de Eletricidade da Bahia S. A., e o reservatório subterrâneo de água.

O antigo reboco foi todo removido e colocado um novo numa área total de 6.847 m<sup>2</sup>, procedimento idêntico com 2.507 m<sup>2</sup> de assoalho com barroamento, 1.402 m<sup>2</sup> de forro, 1.254 m<sup>2</sup> de cobertura e 637 m<sup>2</sup> de piso cimentado.

Segundo o prof. Vivaldo da Costa Lima, diretor da FPACBA, o Solar Ferrão continuará representando um marco da história social do país, já que nele passaram a nobreza colonial, o clero catequisador, a emergente nobreza nacional e sua posterior decadência e movimento operário da época. O imóvel foi centro de formação da cultura colonial, com o Seminário Jesuítico; palco da expressão cultural do universo abolicionista e pré-republicano, com o Teatro Ferrão; e permitiu a difusão do pensamento getulista dos primeiros decênios deste século com o Centro Operário da Bahia.

Mesmo funcionando ali a sede da FPACBA, o solar, com suas mais de 100 janelas, estará aberto permanentemente à visitação pública.

**Antecedentes culturais**

Com o Solar Ferrão foi inaugurado o conjunto arquitetônico Quinta do Tanque. O núcleo original foi construído pelos jesuítas no final do século XVI. O imóvel está intimamente ligado aos primórdios da cultura brasileira — o Padre Antônio Vieira escreveu os seus sermões mais conhecidos durante os 17 anos em que residiu no prédio — Vieira comandou uma reforma na Quinta, que possuía então 20 mil m<sup>2</sup> de área, onde os jesuítas mantinham um horto experimental com espécies aclimatadas de canela do Ceilão, pimenta de Malabar e cacau do Maranhão.

Grande parte da existência da Quinta do Tanque está ligada, também, à assistência social: em 1787 foi inaugurado ali o Hospital Público de São Cristóvão dos Lázaros; 100 anos depois passou a ser asilo para mendicantes, por decisão de D. Pedro II; e, na primeira metade do presente século, o Estado o doou à Sociedade de Combate à Lepra.

A Quinta, com 3 mil m<sup>2</sup> de área construída e disposta em dois pavimentos, também foi restaurada pela FPACBA. O arq. Paulo Ormindo Azevedo destinou o imóvel a princípio para um minicentro de convenções e sede dos Conselhos Estaduais de Cultura e Educação. Posteriormente abrigou a sede da

Bahiatursa, e, por fim, o Arquivo Público do Estado.

A principal intervenção realizada no conjunto se deu na fonte, diante do imóvel, empregando-se tecnologia italiana trazida pelo técnico Carlos Antônio Barbosa, que fez o curso "Qualificazione professionale per addetti al restauro e catalogazione valori culturali". Uma restauração já havia sido realizada na fonte há dois anos, pelo mesmo técnico, mas com resultado totalmente negativo. "Desta feita — diz ele — fizemos um trabalho sensivelmente melhor, mais consciente, e dentro dos métodos mais modernos concebidos internacionalmente para restauração, o que resultou num trabalho sério, penoso e difícil".

O material básico utilizado foi um composto de pó-de-mármore de lioz e resina de poliéster, fixados à pedra através de parafusos e espigas especiais, feitas de ligas não oxidáveis, o que assegura resistência e durabilidade. Sobre os parafusos foram colocados pigmentos de várias cores para que se possa localizar os pontos onde foram introduzidos, caso se faça necessária uma nova intervenção. Para recompor as partes dilaceradas, confeccionaram-se moldes em fibreglas, utilizados como fôrmas. Processo idêntico ao da recomposição das colunas salomônicas do Solar Ferrão.